

Líder comunitário
e dono de um
jornal, o morador
do Complexo do
Alemão **RENE SILVA**
prova que violência
nenhuma é capaz
de silenciar a força
de boas ideias

POR
Fernando Henrique

FOTOS
Pedro Dimitrow

BASEADO

EM FATOS

REAIS



“Quero formar pensadores
e ver o Complexo do Alemão
se tornar referência”

RENE SILVA, JORNALISTA

“Ô, negão, tem certeza de que vai ficar aqui? É perigoso, hein! Você é de São Paulo, não conhece aqui, irmão”, avisa o motorista ao me deixar no Adeus, um dos 15 morros do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Mais de uma hora depois do combinado, o jornalista carioca Rene Silva, 25 anos, chega para a nossa entrevista. “Topa passar o dia juntos?”, ele pergunta, e o suposto medo levantado pelo motorista logo se desfaz. O atraso tinha sido por conta de uma dor de ouvido que o levou a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Negro, favelado, líder comunitário e dono de um jornal, Rene figura na lista dos cem negros com menos de 40 anos mais influentes do mundo, realizada pela organização Most Influential People of African Descent (Mipad), de Nova York. Ali, sentado em um sofá na sede da publicação *Voz das comunidades*, ele relembra seu início no jornalismo. Aos 10 anos, ao ver que o jornalzinho da escola ajudava a resolver problemas de alunos e docentes – como a falta de merenda ou de manutenção na quadra –, quis fazer parte daquilo. Os professores foram contra, pois só estudantes de 14 a 16 anos participavam do projeto, mas Rene insistiu tanto que a diretora acabou cedendo. “Ele era muito pequeno. Só topei porque vi que era um menino diferente, antenado com a questão da escrita”, lembra Talma Romero Suane, hoje secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Em pouco tempo, Rene teve uma ideia: por que não fazer um veículo daqueles na região onde vivia?

Foi assim, aos 11 anos – e sem recurso nenhum –, que criou o jornal *Voz da Comunidade*. “Ele me perguntava: ‘De quanto vai ser nossa tiragem?’. Que menino fala isso nessa idade?”, recorda Talma, que, novamente, o ajudou. A primeira edição teve suas cem cópias distribuídas pelo próprio Rene, juntamente com sua “equipe” na época: um irmão, dois primos e uma vizinha.

Aos poucos, o projeto foi ganhando força. Problemas que antes levavam meses para serem resolvidos, como um buraco na rua ou a falta de energia, passaram a ter uma solução em poucos dias, e Rene se animava cada vez mais para ir atrás de pautas na vizinhança quando não estava na escola.

MEGAFONE

Quatro anos depois, seu trabalho ganhou outra dimensão. Era 25 de novembro de 2010 e, em resposta ao tráfico, a polícia fez uma de suas mais ousadas ações no Rio de Janeiro. Cerca de 600 homens e uma logística grandiosa da Marinha ocuparam o Alemão, onde vivem cerca de 400 mil pessoas, segundo o censo deste ano.

Por questões de segurança, os veículos de comunicação precisaram ficar do lado de fora, noticiando apenas as informações transmitidas pela Secretaria de Segurança Pública do Estado. Do lado de dentro, por sorte, estava Rene, então com 17 anos. Da sala de sua casa, começou a narrar em seu perfil no Twitter o que via pela janela. “As pessoas que me conheciam começaram a perguntar se eu estava seguro

PARA FICAR DE OLHO

Pessoas que, como Rene, usam a criatividade para fazer a diferença

STEPHANIE RIBEIRO, 26 ANOS

Ativista, é uma das vozes mais potentes na luta pelos direitos das mulheres e dos negros. Escreve para vários veículos, como o Geledés. Em 2015, a paulista foi homenageada pela Assembleia Legislativa de São Paulo por seu trabalho.

MONIQUE EVELLE, 25 ANOS

Em 2017, a baiana foi reconhecida no “30 under 30”, lista da revista *Forbes* que reconhece brasileiros com menos de 30 anos que brilham em diferentes categorias. Criou a organização Desabafo Social, que utiliza a educação, a comunicação e as novas tecnologias para promoção dos direitos humanos.

JEFFERSON BORGES, 28 ANOS

Inspirado em Rene, o baiano criou a revista digital *NORDESTEuSOU*, feita na comunidade do Nordeste de Amaralina, em Salvador, e para ela. Além disso, comanda ações como doação de comida.

BRUNO CAPÃO, 29 ANOS

Paulista, ficou preso por quatro anos e deu a volta por cima. É idealizador de projetos como o Lado B do Capão, laboratório de inovação social, e a Nave Capão, que leva aulas de arte para crianças da periferia de São Paulo.



“Rene passou a ser uma referência para muita gente. E aí tem um despertar, porque o maior problema dos jovens, sobretudo negros, é a falta de inspiração”

LEIZER PEREIRA, CEO DA STARTUP EMPODERA

e, conforme eu escrevia, meus amigos enviavam mensagens para famosos como William Bonner, Serginho Groisman e Glória Perez dizendo: ‘Sigam esse menino’, lembra. Rene falava sob a visão do morador, e isso a imprensa não tinha.

Depois de receber a sugestão de um diretor de TV para que usasse o perfil do *Voz* nos posts, veio o primeiro susto: os 200 seguidores do jornal tinham ultrapassado os 15 mil. Mais tarde, outro susto: ninguém de sua família sabia o que ele estava digitando no computador comprado em 48 prestações e, de repente, sua foto aparece estampada na Globonews como o jovem que narrava em tempo real a ocupação. “Minha família falou: ‘Você é maluco, moleque? Desliga isso, vamos ter problemas.’” Rene obedeceu, mas, meia hora depois, a apresentadora noticiou que ele parara de tuitar e, por isso, acreditava que as coisas estavam se normalizando no complexo. O jovem, então, viu a necessidade de voltar a narrar os absurdos que via. No dia seguinte, jornalistas do mundo todo estavam no portão de sua casa, querendo saber como ele havia feito aquela cobertura. “Ali, tudo mudou.”

A mudança chegou com algumas colaborações. Uma das mais importantes foi a do apresentador Luciano Huck, a quem o jovem chama de “padrinho”. Em seu programa, *Caldeirão do Huck*, o apresentador reformou uma sala em um casarão no complexo para ser a sede da redação do jornal. “O Rene foi a primeira pessoa que me levou ao Alemão, há nove anos. Meu amigo e grande parceiro é uma das vozes

mais potentes das comunidades do Rio, respeitado no mundo inteiro”, afirma Luciano.

Tão potente que, hoje, a página do jornal no Twitter tem mais de 378 mil seguidores e a de Rene, cerca de 167 mil. Seu *Voz das Comunidades* (e não mais “*da Comunidade*”) tem 10 mil exemplares distribuídos em 10 favelas cariocas e uma equipe de 18 pessoas na redação, além de 15 colunistas, 12 profissionais na área de eventos e um banco com 300 voluntários ativos – tudo bancado por anúncios e parcerias.

“Rene passou a ser uma referência para muita gente. E aí tem um despertar, porque o maior problema dos jovens, sobretudo os negros, é a falta de inspiração”, afirma Leizer Pereira, fundador e CEO da Empodera, startup de recursos humanos que promove a diversidade em empresas. “Ele mostra que é possível ocupar espaços de poder e, assim, o jovem passa a se questionar: ‘Por que eu não estou lá também?’”, diz o empreendedor. “Então, é natural que surjam mais Renes.”

RESILIÊNCIA

O *Voz das Comunidades* não é mais o único trabalho do jovem. Ali, na redação de seu jornal, Rene também comanda a Casa Voz, fundada para promover suas ideias de ações sociais. Entre elas, a doação de brinquedos, no Dia das Crianças e Natal, e de ovos de chocolate, na Páscoa. Artistas conhecidos, como Fábio Porchat e Preta Gil, são algumas das personalidades que colaboram.



“A favela é um resumo do Brasil. Você tem negros, indígenas, gente do Norte, do Nordeste. Mas, infelizmente, ainda somos resumidos a criminalidade, racismo e desigualdade”

RAULL SANTIAGO, ATIVISTA DE DIREITOS HUMANOS

Rene ainda acha tempo para dar palestras sobre sua trajetória e os temas que domina: a favela e a comunicação comunitária. Por conta disso, já esteve em países como França e Colômbia – a única viagem ao exterior que pagou do próprio bolso foi aos Estados Unidos, para aprender inglês, porque sentiu necessidade. Estudar, aliás, é uma atividade de que Rene, autodidata no jornalismo, gosta. Mais para frente, pensa em cursar faculdade de sociologia. “Quero entender melhor a sociedade.”

Entre suas inquietações, também estão as pessoais: Rene busca conhecer melhor sua ancestralidade. “Já perguntei muito aos meus avós e minha mãe sobre meus antepassados, mas eles não sabem de nada.” Ele é filho de mãe carioca e pai paraibano, de João Pessoa. Ela era costureira no Adeus e, quando estava grávida do irmão de Rene, ficou sem trabalho por conta de um acidente que a deixou sem o movimento de um braço. “Nessa época, meus pais tinham se separado e, ele, alcoólatra, não ajudava. Só não passamos fome porque meus avós sempre colaboraram.” Seu pai, que era gari, morreu de cirrose aos 33 anos, quando Rene tinha 6.

Tempos depois, sua mãe, Cristina, começou uma nova relação e teve Raquel, hoje com 17 anos. Na época, o Adeus tinha mais de uma facção e elas brigavam entre si. A casa da família foi atingida várias vezes – pelo menos três geladeiras se perderam com os tiros. Então, eles se mudaram para uma casa na mesma comunidade, fora da linha de fogo, e, depois, para outra favela. Mas, com o

padrasto também alcoólatra, as lembranças são de dor. “Ele batia muito na minha mãe, em mim e no meu irmão”, lembra Rene, que resolveu morar com a avó, de volta ao Morro do Adeus.

Como alguém que viu a violência dentro de casa, e a vê com frequência fora, Rene sabe a importância do problema, mas mantém o olhar otimista. Dessa forma, o Voz traz histórias de quem, como ele, busca mudar seu entorno no Alemão. “A favela é um resumo do Brasil. Você tem negros, indígenas, gente do Norte, do Nordeste. Mas, infelizmente, ainda somos resumidos a criminalidade, racismo e desigualdade”, diz Raull Santiago, empreendedor, ativista de direitos humanos, coordenador do Coletivo Papo Reto e amigo de Rene. “Ele construiu, independentemente de políticas públicas ou apoio financeiro, algo que impacta na mudança da sua realidade.”

O próximo passo de Rene – como um verdadeiro empreendedor – é montar um centro de capacitação que deve começar a operar no ano que vem. A ideia é mostrar caminhos aos jovens que não sabem o que fazer. “Quero formar pensadores e ver o Complexo do Alemão se tornar referência”, conta. Para isso, ele busca parcerias com universidades e escolas de diversas áreas, como inglês e informática. “No mês que vem, serão nove anos da ocupação, quase uma década daquele filme de horror, e a prova de que só a polícia não é solução”, diz. “Vamos investir mais em educação, saúde, cultura e fazer as próximas décadas diferentes.” Com seu jeito descontraído, Rene faz o convite: “Alguém aí quer ajudar?”. ●

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA ADRIAN IKEMATSU TRATAMENTO DE IMAGENS IMAGE TOUCH
BELEZA OMAR BERGEA STYLING BEE PRODUÇÕES

LOOK: JAQUETA VILLA BILLA CAMISETA RICARDO ALMEIDA CALÇA JEANS ELLUS TENIS RICARDO ALMEIDA



Esta criança se tornou o seu próprio milagre no Hospital Pequeno Príncipe

Gabriela foi gerada para salvar a vida do irmão, que tinha câncer. Pouco antes do seu nascimento, o menino acabou se curando com quimioterapia. Mas aos 2 anos de idade, também diagnosticada com câncer, ela passou por um procedimento inédito até então: o primeiro transplante autólogo de cordão umbilical do mundo. Ainda bem que o Hospital Pequeno Príncipe já estava lá para tratar a menina que, concebida para trazer esperança de cura ao irmão, acabou se tornando seu próprio milagre. Hoje, aos 23 anos, ela procura devolver ao Hospital todo o carinho que recebeu, participando de projetos de mobilização social da instituição. É pela Gabriela e por todas as crianças do país que chegamos aos 100 anos como o maior hospital pediátrico do Brasil, enfrentando os desafios de ser uma instituição filantrópica.

Hospital Pequeno Príncipe.
100 anos vivendo para quem tem muito o que viver.



100 anos
HOSPITAL
pequeno PRÍNCIPE

100anospequenoprincipe.org.br
Acesse, faça a sua doação e nos ajude a continuar salvando vidas.

CRÉDITO: PIPA